



GORGULHO

Boletim Informativo sobre Biodiversidade Agrícola
COLHER PARA SEMEAR – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais
ano 6 . nº12 . Inverno de 2009. Distribuição gratuita a sócios

AS “SEMENTES” DO PLANALTO MIRANDÊS



Gaita-de-fole; "Gaita Transmontana" ou "Gaita Mirandesa". Construção: presumivelmente Rodrigo Fernandes (?), anterior a 1958. Pertencente a Joaquim Ventura, Caçarelhos, Portugal. Fotografia do sítio da Associação Gaitas de Foles



Burros da raça asinina mirandesa no trabalho de lavrar as terras com o seu dono (fotografia do sítio da AEPGA)

... e ainda:

A SEMENTE E A RECESSÃO
OS NOVOS GUARDIÕES DE SEMENTES
DIVERSIDADE EM TEMPOS DE INCERTEZA

ÍNDICE

EDITORIAL	2
A SEMENTE E A RECESSÃO	2
CIRCULAR Nº 1/2009	3
ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES	3
OS NOVOS GUARDIÕES DE SEMENTES	4
JÁ DISPONÍVEIS FRUTEIRAS DE ODEMIRA	5
AL ANCONTRO DE LA SEMENTE	5
ENCONTRO DE SEMENTES EM SENDIM	6
DIVERSIDADE EM TEMPOS DE INCERTEZA	7
PROGRAMA - DIA 22 DE MARÇO	9
PASSEIO DE PRIMAVERA COM MESTRE JOSÉ SALGUEIRO	9
UM MILHÃO DE CARVALHOS PARA A SERRA DA ESTRELA	9
PROMOVER UMA AGRICULTURA CAMPONESA, ECOLÓGICA E SOLIDÁRIA NA EUROPA	10
ALIMENTAÇÃO E DEMOCRACIA E A AGRICULTURA DO FUTURO	10
FUNDAÇÃO PARA A AGRICULTURA DO FUTURO (ZUKUNFTSSTIFTUNG LANDWIRTSCHAFT).....	10
AS FAVAS (VICIA FABA)	11
CULTIVO.....	12
VARIEDADES	13
POLINIZAÇÃO	13
OBTENÇÃO DA SEMENTE	14
NO REINO MARAVILHOSO	14
BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO	16
COMO CONTRIBUIR?	16

Ficha Técnica

O Gorgulho, nº 12 - Inverno de 2009

Boletim Informativo Sobre Biodiversidade Agrícola

Director: José Miguel Fonseca

Edição: Colher para Semear - Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais

Coordenação e Redacção: Fátima Teixeira

Fotos e gravuras: Graça Caldeira Ribeiro, José Miguel Fonseca, AEPGA, Associação Gaita de Foles.

Colaboradores neste número: Amigos da Serra da Estrela, Columba Moore, Fátima Teixeira, Graça Caldeira Ribeiro, José Amorim, José Brandão Pedro, José Miguel Fonseca, Julieta Andrade, Justino Strecht Margarida Cartaxo, Manuel de Sousa Fernandes, Miguel Torga.

Contactos: Quinta do Olival, Aguda, 3260-044 Figueiró dos Vinhos, Tel. 236622218 / Tm. 914909334
colherparasemear@gmail.com

Colaborações são bem vindas. O Gorgulho existe para dar voz aos associados, os vossos pontos de vista e experiências são importantes para enriquecer esta publicação. Faça-nos chegar o seu texto.

EDITORIAL

A SEMENTE E A RECESSÃO

Manuel de Sousa Fernandes

Os filósofos da civilização do Deus PIB, sejam estes Chefes de Estado, ou grandes Banqueiros apresentam-nos um rosto de surpresa nos finais de 2008, face aos acontecimentos despoletados pelos agentes financeiros. Como se fosse fundamental dispor de um super cérebro, para compreender coisas muito simples:

Sendo o planeta limitado no espaço e nos recursos, o crescimento do PIB e do PIB *per capita* (mesmo com a população a estabilizar, o que ainda não acontece) globalmente tenderá para zero.

Sendo um facto que é possível maximizar a eficácia de alguns recursos, não é menos

verdade que muitos outros tem sido utilizados para além do sustentável no curto médio e longo prazo, de que são exemplos claros o petróleo as florestas e o próprio solo com potencial agrícola.

O denominado mundo civilizado da Europa e da América do Norte quiçá de alguma Ásia cresceu e expandiu-se durante muito tempo à custa dos recursos, matérias-primas e do próprio mercado do restante planeta, sendo que deste modo as naturais cíclicas crises foram sendo superadas, embora cada vez de forma menos convincente.

A defesa de uma maior distribuição da riqueza mundial pelos grandes dirigentes poderia exigir, que para um aumento da riqueza PIB *per capita* dos países e regiões mais pobres, se pudessem registar decréscimos na riqueza PIB dos mais ricos, tal está agora a ocorrer, ou afinal era só conversa!

O certo porém, é que o cidadão médio dos países mais prósperos mais por força das circunstâncias do que da solidariedade, terá de se habituar a viver com bem menos no médio prazo, "o planeta não estica!". E o que tem tudo isto a ver com as nossas sementes? Faz-me lembrar a história de um meu antigo director escolar, também padre, falecido há mais de 10 anos que estudara no Seminário de Alcains ao tempo da II Guerra Mundial. Face à procura de volfrâmio pelos países beligerantes, a população abandona as suas actividades agrícolas para procurar o minério nas suas terras muito bem vendido para o palco da guerra. Se as fainas agrícolas deixaram, de igual modo abandonaram a sua dieta costumeira que em muito passava pela broa e feijão-frade para ser promovida a pão branco, bolacha e frango comercial.

Terminada a guerra e o negócio do volfrâmio, batem à porta do Seminário os camponeses pedindo as desventuradas sementes (agora novamente aventuradas), entretanto perdidas.

Esperamos nós que os sócios da Colher para Semear e todos os nossos amigos (ainda que camponeses ou não) possam não ser surpreendidos no breve prazo por desenlaces ainda menos agradáveis. O Tempo urge, semente da nossa lavra.



COLHER PARA SEMEAR

**REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS**

CIRCULAR n° 1/2009

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES

Nos termos do artº 14º e seguintes do Regulamento Eleitoral, informo todos os associados da Colher para Semear - Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais com sede na Quinta do Olival, Aguda, 3260 Figueiró dos Vinhos, que na próxima assembleia geral que terá lugar a 22 de Março de 2009, pelas 14 horas, na herdade do Freixo do Meio, Fornos de Vale Figueira, Montemor-o-Novo, se procederá à eleição dos corpos gerentes para o triénio que se aproxima.

As candidaturas serão apresentadas através de listas que nos termos dos artigos 14º e seguintes do Regulamento Eleitoral devem, nomeadamente, obedecer aos seguintes requisitos:

1. Cada lista deverá incluir os nomes dos candidatos efectivos aos diferentes órgãos, indicando as respectivas funções e mencionar ainda dois membros suplentes.
2. Todos os candidatos deverão assinar a lista de que fazem parte.
3. Podem ser candidatos todos os associados com pelo menos doze meses de antiguidade á data da distribuição desta circular e que

estejam no pleno gozo dos seus direitos.

4. As candidaturas são dirigidas ao presidente da mesa da assembleia geral e entregues na sede da associação até ao dia 02 de Março de 2009.

16 de Janeiro de 2009

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Brandão Pedro



OS NOVOS GUARDIÕES DE SEMENTES

Graça Caldeira Ribeiro

Pelo 3º ano consecutivo, a Colher Para Semear publicou em Janeiro o seu Catálogo de Variedades. Ao longo deste triénio, o 1º da vida da associação, cada novo exemplar foi enriquecido com novas variedades, na sua maioria provenientes da região inventariada ao longo do ano anterior - Península de Setúbal, Odemira e agora o Planalto Mirandês. Assim chegámos em 2009 a um total de 448 variedades.

Sabemos que todos esperam com alguma ansiedade a chegada desta publicação para, depois de muito a folhear (por isso fazemos questão de a fazer chegar aos sócios na versão em papel) escolherem finalmente as 6 variedades que irão aumentar a biodiversidade nas vossas hortas, e trazer novos sabores às vossas mesas. Ficam aqui desde já os nossos votos de boas sementeiras e colheitas abundantes!

Mas é preciso ir mais além. Para que no ano seguinte possam voltar a semear, e depois colher, há que produzir novas sementes, ou seja, Colher Para Semear. E é desta maneira tão simples, que é a de acompanhar o ciclo completo das plantas, que nos tornamos Guardiões.

Muitos pensarão que é de uma grande responsabilidade, que não querem arriscar que alguma coisa corra mal com tão preciosas variedades... Com certeza que é uma responsabilidade, e que algumas coisas podem correr mal. Pode haver contaminação por outras variedades (nalgumas espécies), a recolha ser feita antes da maturação completa das sementes, a secagem não ser apropriada, o armazenamento não ter as melhores condições, ou haver confusão na rotulagem. Cada uma destas coisas, e outras ainda que às vezes acontecem durante os processos de recolha e conservação de sementes, podem levar à perda de uma variedade. Mas devemos todos partilhar esta responsabilidade.



Diferentes espécies em crescimento para recolha de sementes, na horta da Escola St. Dominic's em S. Domingos de Rana - Cascais, sócio guardião nº12.

É importante não esquecer que para que nos chegassem às mãos todas as sementes que hoje guardamos foi preciso que gerações consecutivas de guardiões fizessem este trabalho, com toda a responsabilidade e o carinho que ele merece. Com este pensamento, e o dever que temos de perpetuar esta herança que connosco foi partilhada, será mais fácil tomar a decisão de guardar uma ou duas variedades em 2009.

Pela nossa parte, tudo faremos para vos ajudar nesta missão. Pelo menos duas vezes por ano organizaremos oficinas práticas, tal

como já aconteceu em 2008, estaremos sempre disponíveis para esclarecer as vossas dúvidas e, quando se justifique e seja possível, poderemos mesmo visitar as vossas culturas.

Actualmente a associação tem nas suas mãos centenas de variedades que têm que ser reproduzidas periodicamente: Gostaríamos que este ano cada sócio, juntamente com o pedido de sementes, manifestasse a sua vontade de colaborar nesta tarefa.

Para começar aconselhamos a que escolham espécies de fácil recolha e com as quais não haja grande perigo de contaminação, como sejam, os feijões, os alhos, as ervilhas, os trigos, os centeios, as cevadas e, até mesmo os tomates.

Por outro lado, aproveitamos para lembrar que as hortas urbanas são locais privilegiados para a propagação e conservação de variedades, em particular das espécies de polinização cruzada, com as quais existe grande perigo de contaminação em campo aberto. Nas cidades a existência de hortas é praticamente nula e, para além disso, os edifícios são boas barreiras de protecção contra os ventos que transportam pólenes.

Publicamos neste número de O Gorgulho uma lista de honra dos Guardiões da Colher Para Semear. Esperamos juntar o vosso nome para o próximo ano. Boas colheitas de sementes!



JÁ DISPONÍVEIS FRUTEIRAS DE ODEMIRA

Fátima Teixeira

Informamos os sócios que as fruteiras do concelho de Odemira que foram recolhidas no levantamento do ano passado em Odemira e reproduzidas em viveiro estão já à disposição.

Assim, temos um conjunto variado de Pereiras e de Macieiras para quem estiver interessado em plantar variedades mais adaptadas e ao mesmo tempo contribuir desta forma para ajudar a preservar variedades em risco de se perderem, enquanto outras formas de conservação não forem encontradas na região. Apesar de já termos envidado esforços para isso, o processo de avançar para um centro local de conservação das variedades regionais em Odemira, está agora nas mãos do camarário do concelho de Odemira.

Existem outras variedades de fruteiras do concelho de Odemira que também estão a ser reproduzidas em viveiro, mas não estão neste momento ainda disponíveis, o que muito provavelmente pode acontecer daqui a uns meses.

Para já e para fazer a encomenda destas Macieiras e Pereiras terão de contactar o José Miguel Fonseca e informar-se das variedades disponíveis. Tel. 236622218.



AL ANCONTRO DE LA SEMENTE

Margarida Cartaxo, Sócia nº 134

As 7 horas de viagem, num dia frio mas solarengo, foram deveras compensadas no encontro com as sementes, as raízes, a cultura e sobretudo as gentes que partilharam estes dois dias. Pessoas de muitas regiões deste país, também do país vizinho, algumas que se deslocaram muitos quilómetros, porque tínhamos algo em comum que nos moveu.

Fomos “Al Encontro de la Semente” em Sendim, terra com identidade cultural, que soube preservar uma língua, o mirandês, a sua música e danças, os seus “saberes fazer”, e também uma riqueza e variedade de sementes, que não deixa ninguém indiferente.

Mais uma vez o José Miguel Fonseca, pessoa que para além de empreender numa tão importante missão, traz ao conhecimento e partilha as nossas variedades tradicionais. Fá-lo não como museólogo, em que o trabalho acaba depois do estudo e catalogação, mas procura através do cultivo e também da Associação, que um maior número possível de pessoas se tornem também elas conscientes do valor das nossas espécies e variedades e sejam guardiãs de sementes, para que se mantenha viva a diversidade.



Gaiteiros locais a abrirem a exposição

Do Encontro destes dois dias, não será fácil esquecer a participação e interesse nos temas e oficinas propostos, bem como a relação de empatia e amizade patente entre os que organizaram, os que colaboraram, os que participaram e os próprios agricultores que, partilharam os seus saberes numa mesa, condimentada com modas e poemas, que nos tocaram pela sua genuinidade e autenticidade.

Uma última palavra para a organização, que fez das refeições espaços de convívio, e nos proporcionou um serão cultural inesquecível, ao encontro das raízes do planalto mirandês, através da música e dança da região e também dos seus produtos e produtores.

Bem hajam!



ENCONTRO DE SEMENTES EM SENDIM

*Justino Strecht**

Para ir a este encontro fiz um grande sacrifício, tive que fazer todos os trabalhos de casa de uma semana num dia, foi a condição que o meu pai me impôs para ir, mas com vão ver valeu bem a pena.

Logo de manhã do dia 22 de Novembro, alguns sócios da Associação Colher para Semear terminaram a montagem da exposição, para que às 9 horas a exposição estivesse pronta.

Às 9 horas a exposição abriu e quem quisesse podia observar as sementes, abóboras, melancias, alhos, cebolas, pimentos, amêndoas e castanhas do Planalto Mirandês.



Mostra de variedades de maçãs e pêras

Passada uma hora quase toda a gente foi ver as palestras e nessa altura o povo de Sendim visitou a exposição, como eu disse ao meu pai: “quando os betinhos não estão é que vem o povo”. Eu estava na sala da exposição das sementes recolhidas e tive o prazer de aprender com uma velhinha como ela

semeava as suas sementes, pois ela fez o favor de me explicar.



Justino e as senhoras idosas de Sendim

De seguida foi a hora do almoço onde cada pessoa comeu o que quis .

Até que chegou a parte que eu mais gostei: as pessoas que estavam a participar neste Encontro foram ver um burro Mirandês a “lavrar” uma vinha nas arribas do Douro, e eu até cheguei a andar nele!



A lavra das arribas do Douro com um burro de raça Mirandesa

Na noite desse dia ainda ouvi o baile das colheitas, onde vimos “os Pauliteiros de Miranda” a actuar.

Dia 23, Domingo até ao almoço realizaram-se oficinas. De tarde realizou-se mais uma actividade; a mesa de sábios, onde idosos de Sendim e de outras povoações do

Planalto contaram os segredos das maneiras como semeavam as sementes.

Por fim estivemos a falar sobre o Encontro. E assim se passou um bom fim-de-semana.

** Nota de Redacção - O Justino tem apenas 10 anos de idade e já revela um admirável conhecimento de sementes e plantas. Bravo Justino!*



DIVERSIDADE EM TEMPOS DE INCERTEZA

*Columba Moore - Prof. de Biologia
Tradução de Julieta Andrade - Prof. de Língua Portuguesa, ambos em St. Dominic's School*

Neste momento, um conflito de paradigmas está a ser encenado em todo o mundo, naturalmente resultando numa peça cujo conteúdo reflecte uma história complexa de causas e efeitos.

Por um lado, o negócio em grande escala promove um crescimento global monocultural, de cima para baixo, baseado no capital e na energia. Por outro lado, observamos a destruição do humano, do tecido social e económico das nossas vidas, tudo em nome de uma economia de casino de avançada tecnologia, numa escala cada vez maior e mais anónima em termos de responsabilidade. A palavra crescimento num contexto deste tipo parece amargamente irónica, tendo em conta a destruição dos ecossistemas e a taxa de extinção registada, que é a mais alta desde o período Devoniano. Ainda mais amargo é o facto da destruição da biodiversidade estar a ser destruída em nome de uma standardização monocultural. Não é apenas por mera coincidência que estes problemas são acompanhados por uma grande perda de diversidade cultural humana e uma ainda maior dependência em fontes e recursos comuns para satisfazer necessidades materiais e abstractas.

No Ocidente foi-nos vendido um remédio amargo sob a forma de argumentos neo-darwinianos que confundiram natureza com cultura. Ainda pior é o facto de termos sido tão eficazes a vender este remédio ao Terceiro Mundo. Acabámos por realmente acreditar que o actual absurdo Behemoth socioeconómico é o resultado de uma tendência evolucionária, que entende os seres humanos como basicamente egoístas, constantemente envolvidos em competição, sobrevivência e guerra. Ao ler os pensadores ocidentais, de Adam Smith a Sigmundo Freud, somos levados a acreditar que estes traços são um produto da nossa natureza.

No entanto, não será possível que estes brilhantes filhos do Ocidente tenham andado a descrever o *Homus Industrialis* em vez do *Homo Sapiens*. Confundimos a natureza com a cultura e vendemo-nos a um paradigma mais poderoso do que o Comunismo ou o Capitalismo: estamos subjugados pela Tecnologia.

Ninguém nega que as fomes que assolaram a Índia no último século tenham diminuído muito, em parte devido aos híbridos introduzidos para aumentar a produção. Mas o altruísmo desses anos transformou-se agora numa loucura expansionista. Explorando apenas esta avenida da loucura do século XXI, o agro-negócio, ouvimos os apelos à standardização, expansão, comida para todos, mas a expansão agro-industrial trouxe a devastação; os seus fertilizantes e pesticidas envenenam a terra, a terra marginal cresce exponencialmente, a erosão desenfreada está a levar milhares de anos de desenvolvimento do solo numa única chuvada e uma falange de híbridos monocultural fica mais do que nunca susceptível a pragas. Apesar dos críticos das colheitas geneticamente manipuladas poderem citar a segurança, genes estranhos, reacções alérgicas e a introdução accidental de genes em populações selvagens, o perigo mais real e iminente nesta nossa aldeia global

é a perda acelerada de variedades geneticamente únicas, aliado ao patenteamento de sequências genéticas.

Apenas há duzentos anos, os agricultores estavam a melhorar activamente a segurança das suas futuras colheitas e solo ao encorajarem a biodiversidade agrícola. Centenas de milhares de variedades de plantas e animais datam dessa época. São um testamento de gerações de agricultores seleccionando plantas e animais, perfeitamente adaptados às condições locais, ecótopos, habitats, através de uma sinergia entre transferência de nutrientes, protecção e produtividade.

Será que vamos perder esta preciosa diversidade em troca de uma mão cheia de prata? Num esforço de evitar a perda deste capital genético, grupos de horticultores e agricultores preocupados com a situação juntaram-se para proteger a extraordinária riqueza de material genético que é a herança natural de Portugal. Não se trata de um *Sebastianismo de Legumes*, um questionável conservadorismo lusitano, mas sim de uma corrida racional e pragmática contra o tempo para salvar milhares de variedades e cultivares locais e ibéricas. O que os gigantes agro-industriais não conseguem ver é que a sobrevivência agrícola, ou melhor, a nossa sobrevivência literal, depende da diversidade. Quando o Híbrido RTY354/7 tiver transformado o chão em pó e esvaziado os nossos bolsos, quando a mudança de clima tiver transformado Portugal no Magrebe da Europa, então virar-nos-emos para grupos como a Colher Para Semear à procura das antigas variedades de trigo que conseguem resistir a uma seca no Alentejo, tolerar o sal e, apesar da sua forma diferente e cor estranha, podem alimentar-nos, e alimentar-nos bem.



UM MILHÃO DE CARVALHOS PARA A SERRA DA ESTRELA

Amigos da Serra da Estrela

Já em tempos publicámos num Gorgulho anterior uma notícia sobre acções de reflorestação no Vale do Côa. No caso presente, apesar de o evento já ter ocorrido não queremos deixar de divulgar e apoiar esta iniciativa desta vez levada a cabo pela Associação dos Amigos da Serra da Estrela no passado dia 7 de Fevereiro para a reflorestação das zonas altas da serra da Estrela, com um milhão de carvalhos, em resultado do incêndio de 2005, contando para o efeito com o apoio da Força Aérea Portuguesa e de todos aqueles que têm contribuído para o sucesso da campanha.



Bolotas e folhas de carvalhos.

Os Amigos da Serra da Estrela promovem igualmente acções mediante pedido das escolas que consistem numa visita guiada na Serra com plantação de bolotas ou carvalhos pequenos. Qualquer escola interessada em agendar uma destas visitas à Serra da Estrela deverá contactar José Maria cujos contactos são: josedaserra@gmail.com | Tel. 965839564

Um milhão de Carvalhos para a Serra da Estrela é um projecto que tem sido acarinhado desde a primeira hora pelo Programa Eco-Escolase JRA.

Mais informações em:

www.asestrela.org/1milhao/



PROGRAMA - DIA 22 DE MARÇO

PASSEIO DE PRIMAVERA COM MESTRE JOSÉ SALGUEIRO

Graça Caldeira Ribeiro

No dia 22 de Março será a Assembleia-geral da Colher Para Semear, na Herdade do Freixo do Meio, Foros de Vale Figueira, Montemor-o-Novo. Para aproveitar melhor esta ocasião em que muitos sócios vão estar reunidos, organizámos um Passeio de Primavera a realizar durante a manhã.

Convidámos o Mestre José Salgueiro (ver O Gorgulho, nº 4), autor do livro “Ervas, Usos e Saberes - Plantas Naturais no Alentejo e outros Produtos Naturais” para nos mostrar as plantas aromáticas e medicinais próprias desta região, nesta estação do ano.

Ponto de partida: Herdade do Freixo do Meio

Hora de partida: 10h00m

Preço/pessoa: 5 €, gratuito até aos 12 anos

Os sócios interessados em participar deverão trazer almoço para piquenique, roupa e calçado confortáveis, chapéu e cantil com água. Esperamos que todos possam estar presentes e que consigam chegar a horas para o passeio.

-Troca de Sementes

Esta é também uma oportunidade para se fazer uma troca de sementes entre os sócios, e celebrar a chegada da Primavera. Antes ou depois do almoço, conforme a hora a que terminar da manhã.

- Assembleia-geral, às 14h00m



PROMOVER UMA AGRICULTURA CAMPONESA, ECOLÓGICA E SOLIDÁRIA NA EUROPA

Fátima Teixeira

Entre Outubro de 2006 e Abril de 2007, a associação francesa BEDE, em colaboração com a Réseau Semences Paysannes e a Inf'OGM organizaram uma série de trocas de experiências em 5 países europeus: Espanha, Portugal, Itália, Roménia e Bulgária. Estas viagens permitiram a 30 camponeses, formadores e membros associativos ir ao encontro de iniciativas europeias relacionadas com a biodiversidade cultivada, com os direitos dos camponeses e com a luta contra os transgénicos. O projecto foi apoiado pelo programa de apoio à formação Leonardo da Vinci da União Europeia e o objectivo principal era consolidar uma rede europeia sobre estas temáticas.

Em Agosto de 2008 a associação francesa BEDE, publicou em 7 línguas diferentes uma brochura que relata todas estas experiências e mostra que a resistência e a criatividade dos defensores da biodiversidade agrícola está bem viva, apesar de todas as dificuldades que atravessam. A brochura chama-se *“Promover uma Agricultura Camponesa, Ecológica e Solidária na Europa”* e inclui um CD com todos os contactos estabelecidos. A versão portuguesa que a Colher Para Semear ajudou a traduzir está agora disponível ao preço de 10€ mais portes de envio para quem quiser requisitar esta obra inspiradora.

Para saber mais sobre o projecto pode consultar o sítio de internet da BEDE:

www.bede-asso.org/lang/fr/nos_actions/semences/europe.php



ALIMENTAÇÃO E DEMOCRACIA E A AGRICULTURA DO FUTURO

José Amorim



A 5ª Conferência Europeia das Regiões Livres de OGM terá o título *“Food and Democracy”* (Alimentação e Democracia) e terá lugar em Lucerna, na Suíça, em 24 e 25 de Abril, 2009. Para mais informações sobre o programa e como poderão participar existe o seguinte endereço de internet: www.foodanddemocracy.org

Uma das entidades organizadoras é a “Fundação para a Agricultura do Futuro”, que também foi co-organizadora do congresso “Planet Diversity” (Planeta Diversidade) no ano passado, em Bona, na Alemanha. É, entre outras, promotora da campanha “SOS - Save Our Seeds” (Salvem as nossas Sementes).

Abaixo segue a apresentação dos objectivos da Fundação que espero nos inspire a dar mais passos neste sentido também no nosso país.

Fundação para a Agricultura do Futuro (Zukunftsstiftung Landwirtschaft)

A Fundação Agricultura do Futuro apoia o pioneirismo de projectos agrícolas sustentáveis ecológica e socialmente. É também activa no debate público com o objectivo de promover e desenvolver o papel da agricultura biológica como modelo para políticas agrícolas futuras.

É seu objectivo desenvolver uma economia e cultura vivas e viradas para o futuro, nas quais as áreas urbanas e rurais

têm um efeito estimulante recíproco. Todos nós precisamos de comida boa e saudável e queremos sentir-nos em casa numa paisagem variada e ecologicamente intacta. A Fundação Agricultura do Futuro é sustentada por pessoas individuais e empresas que se preocupam em ter paisagens culturais atractivas e produtivas e desejam desempenhar um papel de vanguarda no futuro desenvolvimento e planeamento do serviço global e indústrias científicas.

- Desenvolvimento de sementes biológicas e criação animal
- Desenvolvimento de negócios e modelos de posse para negócios agrícolas com o objectivo de criar um sector agrícola multifuncional
- Investigação, teoria e educação em biologia interdisciplinar e holística
- Análise económica dos custos e usos da agricultura e paisagem cultural
- Permuta cultural entre agricultura e as ciências da vida
- Apoio para discussão e trabalho de grupo entre economia, ciência, cultura e políticas para o desenvolvimento sustentável da agricultura, emprego e ecologia.

A Fundação Agricultura do Futuro apoia apenas objectivos e projectos que são do interesse público, em ciência, investigação, educação, protecção ambiental, saúde e projectos para benefício dos jovens e de idosos. Doações para a Fundação são dedutíveis nos impostos.

Os membros fundadores reuniram donativos de cerca de 3 milhões de marcos alemães, uma soma que é continuamente aumentada por novas doações. O objectivo é de firmemente aumentar os fundos disponíveis e o número de doadores.

O conselho, escolhido pela reunião geral anual, estabelece as linhas gerais para apoios e nomeia um comité de decisão para dádvas individuais. No importante campo da produção de sementes, as decisões são

tomadas por uma junta de fiadores que inclui membros da Fundação e melhoradores de sementes. É impossível no quadro da Fundação fazer contribuições para projectos particulares.

Na reunião geral anual todos os membros se reúnem numa atmosfera agradável para debater e trocar experiências.

Legalmente, a Fundação Agricultura do Futuro é uma fundação não independente que é gerida pela GLS Treuhand em Bochum. A GLS Treuhand (Organização de Interesse Público) e o associado GLS Bank (Banco Cooperativo) têm décadas de experiência no financiamento e aconselhamento de instituições culturais, sociais e educacionais no campo da agricultura biológica e ecológica, assim como a necessária competência e eficiência em administração, avaliação e consultoria. Muitos dos membros da Fundação, simultaneamente com os seus compromissos de serviço público, tem também interesses em negócios em campos relacionados.

Mais informações: www.zs-l.de



AS FAVAS (*Vicia faba*)

José Miguel Fonseca

Planta herbácea proveniente da extensa família das leguminosas, agora renomeada Fabacea, é das culturas mais antigas, importante alimento desde a Idade da Pedra, era bastante apreciada pelos antigos Gregos, Egípcios e Romanos assim como em muitos países do Médio Oriente.

A fava tem origem incerta, no entanto, admite-se que seja da região do Cáspio e Norte de África, é uma planta perfeitamente adaptada a climas mediterrânicos, onde tem um papel preponderante na dieta, especialmente no início da Primavera,

quando existe pouca diversidade nas hortas, com a vantagem de ser muito rica em proteínas e hidratos de carbono embora pobre em vitaminas, contendo somente a B em quantidade moderada.



Ilustração da planta da fava com frutos

A planta adulta forma um ou vários caules de tamanho variável que pode atingir em certas condições um metro e oitenta centímetros de altura. As hastes têm forma quadrangular com várias e curtas ramificações, as folhas são grandes, alternadas, compostas por um a três pares e possuem cor verde acinzentada. Têm flores muito grandes, irregulares, de cor toda branca ou manchadas com pintas pretas e matizadas de castanho ou roxo, algumas variedades apresentam-se com a cor vermelha carmesim.

As vagens são alongadas, cilíndricas, por vezes achatadas, inchadas de comprimento indefinido, nas variedades forrageiras é apenas de seis a oito centímetros, por outro lado nas de mesa a dimensão pode atingir vinte ou mais centímetros. A casca é espessa, macia, lisa no exterior e felpuda no interior, onde aloja consoante a variedade quatro a nove sementes de tamanho incerto; pequenas

e redondas nas variedades forrageiras, grandes e achatadas nas de mesa. Possuem textura tenra e carnuda quando verdes, tornam-se rijas e espalmadas na maturação completa, têm cor amarela palha, esverdeada, roxa ou negra. O olho ou umbigo é largo e coberto por uma rígida sobancelha, facilmente removível.

Cultivo

A sementeira das favas é feita preferencialmente nos meses de Outubro, Novembro nas zonas mais temperadas, Fevereiro e Março nas frias e montanhosas. Semeia-se directamente em talhões previamente utilizados para uma cultura exigente, por exemplo: milho, couve, girassol ou cereal. Convém espaçar bem as plantas para facilitar o arejamento necessário para obter uma alta percentagem de flores fertilizadas e vingadas sem problemas de origem fúngica.

As sementeiras realizadas em Outubro ou Novembro convém sachar ao atingirem dez centímetros de altura, para eliminar a concorrência das ervas e ao mesmo tempo amontoá-las para protecção contra as geadas, no caso de serem extremas podem queimar as folhas mas não o caule enterrado, este reage quando do aumento de temperatura e rapidamente se desenvolve.

É uma cultura de sequeiro por excelência, salvo se forem semeadas tardiamente e a Primavera decorrer seca, nessa situação convém regá-las ou fazer nova amontoa seguida de um bom empalhamento. O ciclo da fava é anual, prolonga-se durante quatro a cinco meses e meio no caso de se realizar a sementeira na Primavera, seis a sete meses para as de Outono. A germinação ocorre com temperaturas entre os cinco e os sete graus centígrados, a floração necessita de oito a dez graus, sendo quinze graus a mais adequada.

Devem ser semeadas à profundidade de cinco a sete centímetros, após escolha dos melhores grãos, eliminando os partidos,

muito furados ou disformes, em linha a lanço ou em covachos, distanciando os regos ou covachos quarenta a sessenta centímetros.

As favas são frequentemente vulneráveis aos piolhos que atingem as pontas viçosas das plantas sufocando-as e como consequência atrofiando e parando a prolongação da parte vegetativa. Para evitar tal situação recorre-se à desponta; removendo a vegetação apelada de «cruta» acima da penúltima flor, este procedimento também estimula a formação de fortes vagens, terminando a fluidez da seiva para as pontas, re-dirigindo-a para as partes inferiores da planta, estimulando a frutificação.

A colheita prolonga-se entre quatro a cinco semanas, ao fim das quais a planta começa a secar mudando progressivamente da cor verde para o negro. A recolha das vagens secas deve ser efectuada durante a manhã para não as abrir com o manuseamento, este procedimento é mais importante se toda a planta for colhida.



Plantas de favas já crescidas

Variedades

A erosão genética deste género é elevada e a promiscuidade entre as variedades ainda maior. Existem algumas variedades portuguesas muito interessantes, do ponto de vista agrícola e culinário, especialmente na zona sul do território.

O Algarve é a região com mais tradição no cultivo desta espécie, por esse facto

também é a que possui maior número de variedades conhecidas: a mais conhecida é a Algarvia, de vagens curtas, grãos achatados e curtos. A Assária ou comum, variedade do sul do Tejo, muito produtiva com numerosos afilhamentos, tem a particularidade de as vagens se orientarem de forma ascendente, vagens medianas com seis a oito grãos, de cor amarela-palha, grossas e alongadas. A roxa também Algarvia, produtiva, aphilamento mediano, vagens de tamanho moderado, grão grande de forma muito achatada de roxo intenso quase negro, é variedade extremamente precoce, com paladar adocicado e de rápida cozedura.

Mais a norte temos algumas variações das anteriormente descritas, além destas aparece a Sete Bagulhos na região do Alentejo, a Saloia na região de Lisboa e concelhos próximos, a Cornicha para norte do Tejo, a Fava em Foz Côa, além de outras menos conhecidas e muito localizadas.

Nas Ilhas há conhecimento de duas variedades Açoreanas, ambas em S. Miguel: a Grada como o nome indica é de grande calibre e a Três Luas de menor dimensão embora seja planta muito vigorosa e produtiva.

As variedades forrageiras portuguesas cultivadas presentemente incluem apenas duas reconhecidas como tal: a Ratinha pequena e arredondada é utilizada para a alimentação animal e siderações, a outra é a Faverola naturalizada pela sua prolongada existência entre nós é de origem francesa, também utilizada para os mesmos fins da anterior.

Polinização

Apesar de se auto-polinizarem as flores das faveiras são muito atraentes para a maioria dos insectos activos nessa função e visitam-nos assiduamente provocando facilmente hibridizações só colmatadas através de um afastamento físico entre variedades de pelo menos oitocentos metros,

a sementeira escalonada também pode evitar cruzamentos indesejáveis, tendo em conta o período de floração que se prolonga por quatro ou mais semanas. Além destas práticas, para pequenos cultivos pode-se recorrer a redes anti-insectos ou jaulas apropriadas, finalmente a alternativa mais segura será semear uma variedade por ano durante o período indicado de viabilidade da semente.

Obtenção da semente

Para efeito de obtenção de semente, as primeiras vagens são as preteridas, mais vigorosas e férteis. Malhar as vagens depois de bem secas e estaladiças, remover toda a matéria orgânica, através de joeira e crivos, escolher os melhores grãos, aqueles que não se apresentam partidos ou rachados, com as características da variedade, eliminar os outros, estes podem ser utilizados para transformar em farinha ou para a confecção de sopas e cozidos.

Depois de limpas, secar novamente para retirar alguma humidade ainda presente, espalhando-as em sítio quente e arejado fora do alcance dos raios solares, ou no máximo por períodos muito curtos. Antes de armazená-las, convém utilizar alguma forma de desinfecção com o intuito de eliminar os ovos de parasitas, geralmente alojados em maior ou menor quantidade: uma delas é levá-las ao congelador durante quarenta e oito horas, no mínimo, retirá-las e secar novamente, armazenar em recipiente de lata ou vidro de preferência em lugar seco, escuro e fresco.

Existem também algumas técnicas artesanais, embora eficazes no sentido de prevenir ataques de parasitas durante a conservação prolongada: uma delas é a utilização da planta espontânea (*chenopodium ambrosioides*) vulgarmente conhecido por Erva Formigueira entre outros nomes, ao armazenar as favas colocar pedaços desta erva misturando-a com os grãos, esta receita

foi anteriormente descrita em pormenor no boletim número oito. Outro modo de conservação presenciado e aparentemente com bastante êxito, é idêntico ao anterior só alterado pelo uso de outra planta, neste caso pedacinhos de malagueta bem seca, aqui é importante que o invólucro seja estanque e com a mínima entrada de ar.



Fava seca

As favas têm por direito próprio um lugar importante na nossa cultura tradicional, memórias de um tempo onde a ruralidade atingia e atravessava toda a sociedade. Reflexo disto ficaram impressos ao longo de gerações, numerosos adágios e dizeres do povo mencionando este precioso legume; eis alguns exemplos:

**FAVAS CONTADAS
PAGAR AS FAVAS TODAS
VAI À FAVA**



NO REINO MARAVILHOSO

Miguel Torga

“Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso. Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos

neste mundo. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percam a virgindade original diante da realidade, e o coração, depois, não hesite. Ora, o que pretendo mostrar, meu e de todos os que queiram merecê-lo, não só existe, como é dos mais belos que se possam imaginar. Começa logo porque fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos. E quem namora ninhos cá de baixo, se realmente é rapaz e não tem medo das alturas, depois de trepar e atingir a crista do sonho, contempla a própria bem-aventurança.

Vê-se primeiro um mar de pedras. Vagas e vagas sideradas, hirtas e hostis, contidas na sua força desmedida pela mão inexorável dum Deus criador e dominador. Tudo parado e mudo. Apenas se move e se faz ouvir o coração no peito, inquieto, a anunciar o começo duma grande hora. De repente, rasga a crosta do silêncio uma voz de franqueza desembainhada:

- Para cá do Marão, mandam os que cá estão!...

Sente-se um calafrio. A vista alarga-se de ânsia e de assombro. Que penedo falou? Que terror respeitoso se apodera de nós?

Mas de nada vale interrogar o grande oceano megalítico, porque o nume invisível ordena:

- Entre!

A gente entra, e já está no Reino Maravilhoso.

A autoridade emana da força interior que cada qual traz do berço. Dum berço que oficialmente vai de Vila Real a Chaves, de Chaves a Bragança, de Bragança a Miranda, de Miranda a Régua.

Um mundo! Um nunca acabar de terra grossa, fragosa, bravia, que tanto se levanta a pino num ímpeto de subir ao céu, como se afunda nuns abismos de angústia, não se sabe por que telúrica contrição.

Terra-Quente e Terra-Fria. Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas. Nos intervalos, apertados entre os rios de água cristalina, cantantes, a matar a sede de tanta angústia. E de quando em quando, oásis da inquietação que fez tais rugas geológicas, um vale imenso, dum húmus puro, onde a vista descansa da agressão das penedias. Mas novamente o granito protesta. Novamente nos acorda para a força medular de tudo. E são outra vez serras, até perder de vista.

Não se vê por que maneira este solo é capaz de dar pão e vinho. Mas dá. Nas margens de um rio de oiro, crucificado entre o calor do céu que de cima o bebe e a sede do leite que de baixo o seca, erguem-se os muros do milagre. Em íngremes socalcos, varandins que nenhum palácio aveza, crescem as cepas como os manjericos às janelas. No Setembro, os homens deixam as eiras da Terra-Fria e descem, em rogas, a escadaria do lagar de xisto. Cantam, dançam e trabalham. Depois sobem. E daí a pouco há sol engarrafado a embebedar os quatro cantos do mundo.

A terra é a própria generosidade ao natural. Como num paraíso, basta estender a mão."



Miguel Torga, escritor e médico transmontano nascido em S.

*Martinho de Anta,
viveu de 1907 a 1995.*



COLHER PARA SEMEAR

REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS



BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO

(Por favor, preencher com letras bem legíveis, de preferência com maiúsculas)

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

E-mail: _____

Telefone/ Telemóvel: _____ Data de Nascimento: _____

Profissão: _____ Nacionalidade: _____ Nº contribuinte: _____

Quota anual: Sócio individual 35 € Sócio colectivo 70 € Sócio estudante/reformado/menor de 16 anos 17,5 € Donativo de _____ Pretende receber sementes*? Sim Não

Pagamento por cheque nº _____ do Banco _____

No valor de _____ à ordem de Colher para Semear

Data _____ Assinatura _____

Preencha e envie para: **Colher para Semear**, Quinta do Olival, Aguda, 3260-044 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



***Os sócios da associação Colher Para Semear têm o direito a: participar em todas as actividades promovidas ou apoiadas pela associação (p. e. encontros, oficinas de formação) com direito a redução de entrada quando praticável; receber o boletim interno e circulares; usufruir anualmente de um número de variedades, que serão definidas e disponibilizadas pela Direcção a partir de uma lista anual.**

COMO CONTRIBUIR?

Para concretizar estes objectivos, que são do interesse de todos nós, é necessária a contribuição do maior número de pessoas. De que modo?

- Através da inscrição como **sócio**;
- Pela oferta de **donativos** ou **géneros**;
- **Voluntariado** em diversas áreas: parte administrativa, pesquisa e trabalho de campo, recolha e propagação de sementes, inventariação, outras áreas relacionadas com as actividades da associação.
- Ser sócio **guardião de sementes**: comprometendo-se a multiplicar a(s) variedade(s) que apadrinhar, devolvendo à associação parte da sua colheita anual, devidamente seleccionada. Este sócio deve ter assistido previamente a uma oficina de formação sobre recolha, caracterização e propagação de sementes. O sócio guardião é mencionado no catálogo de variedades como reprodutor da semente que apadrinhar.